

Conjuntura – Saúde Suplementar

IESS – Instituto de Estudos de Saúde Suplementar

5ª Edição
Novembro de 2008

Editorial

Após quase dois anos de acelerado crescimento em todo mundo, a bolha do mercado imobiliário nos Estados Unidos explodiu com a crise dos Sub-primers.

Grandes instituições financeiras depararam-se com graves problemas de liquidez, levando algumas tradicionais a pedirem falência. O governo dos EUA teve que intervir, injetando dinheiro no sistema financeiro para evitar o aprofundamento da crise de crédito e de confiança. Programas trilionários de injeção de capital no sistema foram anunciados tanto nos EUA como na Europa.

O FMI, após alguns anos longe das primeiras páginas do noticiário econômico, abriu linha de crédito para Ucrânia e Hungria.

No Brasil, a percepção que o Governo vocalizou passou de uma simples 'marola' inicial para a pior crise de todos os tempos. O grande esforço para conter os efeitos da crise internacional está sendo feito pelo Banco Central, que alterou diversas regras dos depósitos compulsórios para garantir liquidez ao mercado, em especial aos bancos pequenos e médios.

A escalada da inflação havia dominado o noticiário econômico em 2008 e levado o COPOM a aumentar os juros. O arrefecimento da inflação em agosto e setembro e o agravamento da crise internacional levaram o COPOM a manter a SELIC em 13,75%, mesmo com a

tendência de elevação dos preços em outubro.

Já se faz sentir o impacto da crise na atividade econômica. As montadoras diminuíram a produção e concederam férias coletivas. Indicadores do comércio revelam forte desaceleração do consumo de duráveis, pela escassez de crédito e alto endividamento da população.

Além da crise do setor financeiro o Governo deseja garantir as obrigações da agropecuária e do setor da construção civil concedendo linhas de crédito via CEF.

O efeito da crise no crescimento da economia deve ser mais forte em 2009, ao menos é o que espelham as previsões do mercado que a cada semana estima um menor crescimento econômico. O menor crescimento compromete o equilíbrio fiscal do setor público, que não obstante continua expandindo seus gastos.

A saúde suplementar, que apresentou forte dinamismo nos últimos dois anos com expansão das carteiras e IPOs que injetaram capital em diversas empresas, deverá ter crescimento mais modesto no número de beneficiários, acompanhando o movimento da economia.

Os indicadores que constam dessa nota ainda não refletem os impactos da crise mundial, pois se referem a período anterior a ela. Assim, as contas nacionais no segundo trimestre de 2008 ainda se situam em um ambiente mais otimista do que

o que virá a prevalecer no futuro imediato. Em razão do bom desempenho da economia até o primeiro semestre a taxa de desemprego ficou muito baixa, atingindo 7,6%.

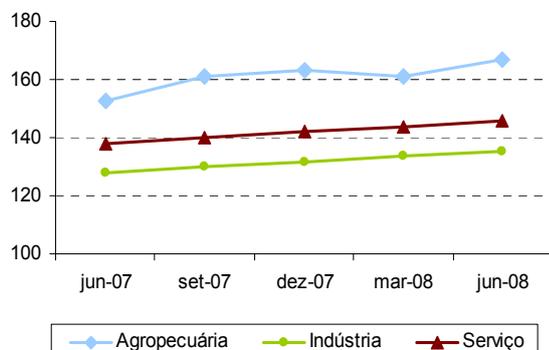
Cabe ainda ressaltar uma importante diferença entre o sistema financeiro dos EUA e do Brasil. O americano é menos regulado e o setor de derivativos praticamente não tem regulação. Afeitos à tradição individualista com a supremacia da liberdade de iniciativa e de escolha, os americanos confiavam no poder do mercado. O ex-presidente do FED, Alan Greenspan, reconheceu o equívoco. A saída em construção se baseia agora na intervenção do estado. Estaria sendo iniciado um movimento duradouro em direção à maior intervenção do Estado nas economias, especialmente na americana e européia? Certamente, o movimento deve alentar aqueles que sempre acreditaram no poder do Estado.

Enquanto os EUA viveram um aprofundamento do liberalismo econômico na última década, no Brasil os mercados seguiram regulados e a crise não abalou a credibilidades das principais instituições financeiras do país. As dificuldades do sistema financeiro de meados dos anos 90 e a experiência do PROER produziram uma lição duradoura.

José Cechin

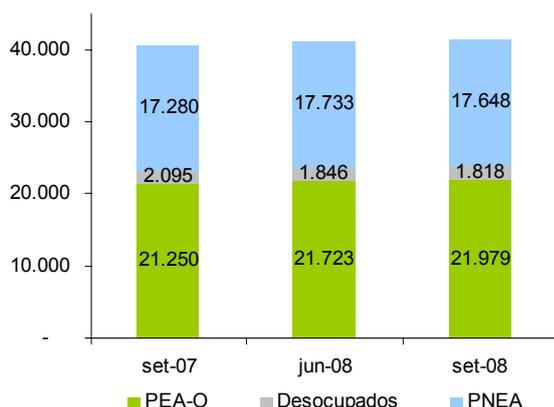
Superintendente Executivo

Gráfico 1. PIB - Índice trimestral por setor de atividade com ajuste sazonal jun07 – jun08 (média de 1995=100)



Fonte: Contas Nacionais Trimestrais – IBGE

Gráfico 2. PME: Distribuição da população (PEA) e (PNEA) – jun07 a jun08 (mil pessoas)



Fonte: PME – IBGE

Tabela 1. PME: Distribuição da PEA segundo posição na ocupação janeiro e junho de 2008

	Posição set07		Posição set08		Δ %
	% PEA	n° mil	% PEA	n° mil	
Com Carteira	43,4	10.129	45,6	10.642	5,1
Conta Própria	18,7	4.357	18,6	4.428	1,6
Sem Carteira	17,5	4.096	17,2	4.092	-0,1
Empregadores	4,4	1.016	4,3	1.018	0,2
Ñ. remunerados	0,0	6	0,0	6	0
Sector Público	7,4	1.734	7,0	1.712	-1,3

Fonte: PME – IBGE

1. Cenário macroeconômico

1.1 PIB

No segundo trimestre de 2008 o PIB nominal foi de R\$ 716,9 bilhões. Em relação ao mesmo trimestre de 2007 houve uma expansão nominal de 12,8% e anualizada de 10,3%.

Os dados do segundo trimestre ainda não foram afetados pela crise econômica mundial deflagrada em agosto. Por setor de atividade com ajuste sazonal houve forte recuperação da agropecuária, expansão da atividade industrial e crescimento de serviços.

O último relatório Focus do Banco Central demonstra que o mercado não está pessimista com o crescimento do PIB para 2008, aumentando a projeção que era de 4,8% em 1º de agosto para 5,23% em 24 de outubro, mesmo com a baixa no preço das commodities, diminuição do consumo em especial o de bens duráveis, afetado pelo alto endividamento combinado com a crescente escassez de crédito.

Mas o mercado já diminuiu as projeções de crescimento para 2009, de 3,9% para 3,1% e a tendência é que essas previsões diminuam ainda mais.

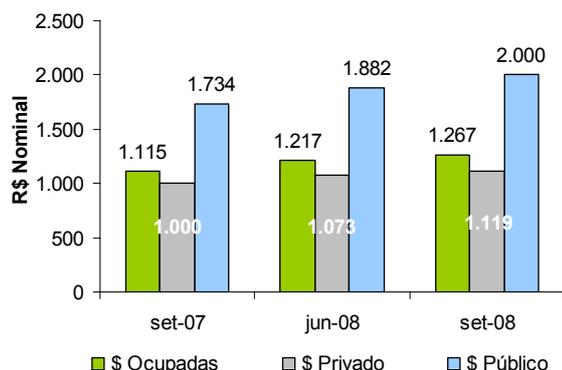
1.2. Emprego - PME

Os indicadores de emprego e renda até setembro de 2008 ainda demonstravam o aquecimento do mercado de trabalho. Em setembro de 2008 a PEA ocupada apresentou crescimento de 3,4% em relação ao mesmo mês do ano anterior. A taxa de desemprego atingiu seu menor nível desde que a nova metodologia foi adotada em 2002, e ficou em 7,6%, próximo do limite inferior para a taxa natural de desemprego estimada pelo Banco Central de 7,5%. O número de desocupados reduziu-se em 13% em 12 meses.

A distribuição da PEA entre as posições na ocupação pode ser vista na Tabela 1 (para os meses de setembro de 2007 e setembro de 2008). Em 12 meses houve um aumento de 2,2 p.p. na participação dos ocupados do setor privado com carteira e de 0,5 p.p. dos funcionários públicos. Manutenção das pessoas ocupadas como empregadores, sem carteira e não remunerados e diminuição da participação dos ocupados por conta própria ou empregados domésticos.

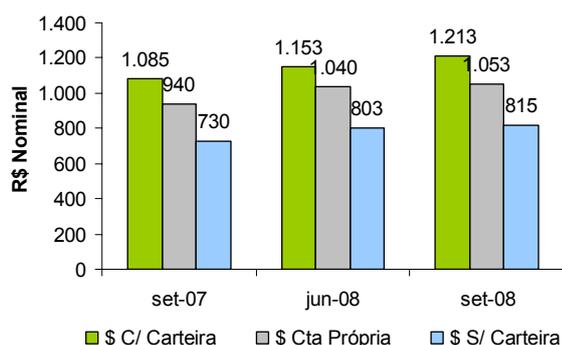
Ocorreu simultaneamente a formalização de em-

Gráfico 3. PME: Rendimento nominal mensal habitualmente recebido – jun07-jun08



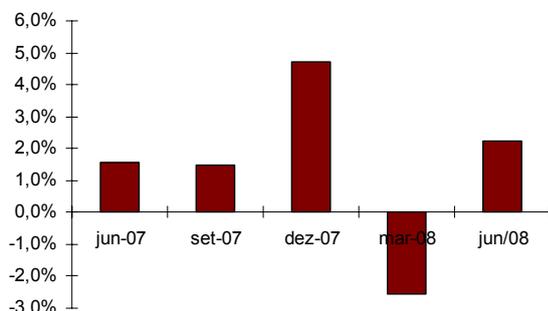
Fonte: PME – IBGE

Gráfico 4. PME: Rendimento médio nominal no trabalho habitual principal – setor privado – jun07-jun08



Fonte: PME – IBGE

Gráfico 5. Variação trimestral do índice de despesa com consumo das famílias (média de 1995=100) com ajuste sazonal - jun07-jun08



Fonte: Contas Nacionais Trimestrais – IBGE

pregos existentes e criação de novos postos de trabalho formais. Destaca-se o crescimento do emprego no setor público, com a oferta de vagas em concursos públicos e para cargos comissionados.

1.3. Renda - PME

Reflexo do aquecimento do mercado de trabalho, o rendimento nominal mensal habitualmente recebido no 3º trimestre de 2008 cresceu acima da inflação, porém apenas para os ocupados em empregos formais.

Enquanto a renda dos empregados no setor público cresceu 6,3% no 3º trimestre de 2008, nos últimos 12 meses esse aumento foi de 15,4%. No setor privado o aumento no trimestre foi bem menor, de 4,4% e em 12 meses 11,9%.

No 3º trimestre de 2008 a renda dos ocupados com carteira cresceu mais do que a dos demais ocupados do setor privado no trimestre e à mesma taxa nos últimos doze meses.

1.4. Consumo

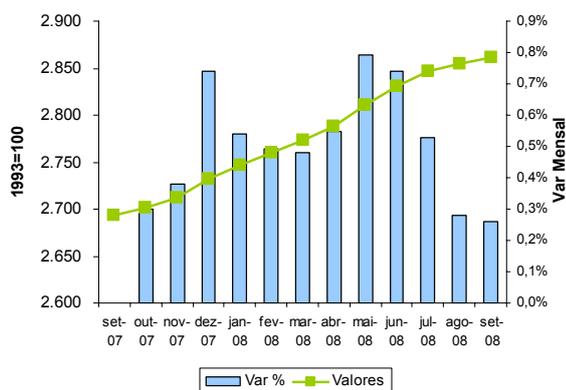
O Gráfico 5 apresenta a variação trimestral do índice (com ajuste sazonal) de despesa com consumo das famílias, no período de junho de 2007 a junho de 2008. Após uma diminuição do 1º trimestre de 2008, o consumo se recuperou no segundo trimestre.

Impulsionado pelo aumento da renda nominal no 3º trimestre o consumo deverá se expandir nos próximos meses, porém o final do ano não deve repetir a expansão de 2007, pois a falta de crédito nesse período já terá dado indicações da diminuição do consumo de bens duráveis, e o endividamento da população combinado com o medo da retração do mercado de trabalho deve fazer com que o brasileiro gaste menos neste Natal.

1.5. Inflação

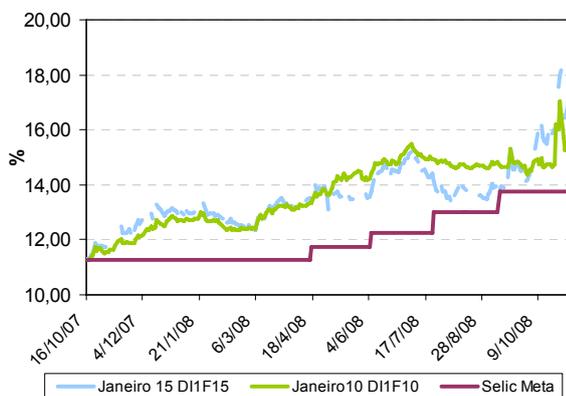
Após a desaceleração da inflação em agosto e setembro, o mês de outubro fecha com o primeiro indicador divulgado mostrando novas pressões de preços na economia. O IGPM de outubro, de 0,98%, foi impulsionado pelo aumento dos preços no atacado (1,24%) e contribuição da construção civil (0,85%); o índice de preços ao consumidor avançou apenas 0,25%. Ainda não foram divulgados os dados do IPCA para outubro.

Gráfico 6. IpcA: variação mensal e índice acumulado - 12 meses



Fonte: IBGE

Gráfico 7. Meta Copom Selic e Juros de Longo Prazo - 12 meses



Fonte: Bacen e BM&F

Gráfico 8. Cotação diária PTAX Venda e Embi Brasil



Fonte: Banco Central

Os índices de preços ao consumidor devem apresentar expansão menor, mas itens como energia elétrica, que deverá ter um reajuste de 15% em São Paulo, devem causar forte impacto nos indicadores e no resultado do setor produtivo.

1.6. Taxas de Juros

Na última reunião do COPOM no dia 29 de outubro, o Banco Central, que já havia tomado diversas medidas para garantir crédito ao mercado com alterações na regra dos compulsórios, manteve a taxa de referência em 13,75% a.a..

O Banco Central continua preocupado com os impactos da inflação na economia brasileira e não acompanha o movimento de todo o mercado internacional que desde a crise vem diminuindo a taxa de juros de referência. No mesmo dia, o Federal Reserve (FED) estipulou a taxa de referência em 1% a.a. em um cenário de forte inflação.

1.6. Câmbio

A crise teve forte impacto na taxa de câmbio, que passou de 1,56 em 1º de agosto atingindo 2,39 em 08 de outubro (até agora o pico).

O Banco Central vem realizando diversos leilões de dólares para conter a instabilidade da moeda e anunciou no dia 29 de outubro uma linha de swap (troca) entre dólares e reais com o Federal Reserve no valor de US\$ 30 bilhões. O Fed anunciou a criação de linha igual de swap cambial de USD 30 bilhões para o Brasil e também para o México, Coreia do Sul e Cingapura.

O Risco Brasil acompanhou as oscilações cambiais no período o que indica um aumento da exigência de taxas de retorno para investimentos estrangeiros no Brasil.

Tabela 2. Expectativas de mercado para 2008

Indicador	expectativa
IGP-M (%)	10,65
IPCA (%)	6,29
Selic (%)	14,25
Câmbio (R\$/US\$)	1,95
PIB (%)	5,23

Fonte: Boletim Focus divulgado dia 1 de agosto de 2008.

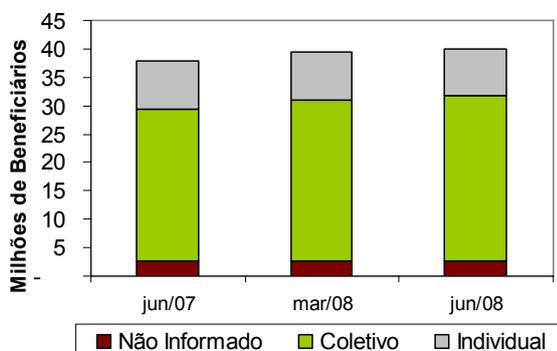
1.7 Resumo – Cenário macroeconômico

Variável	Jan a jun 2007*	Jna a jun 2008	Δ% (jun07-jun08)	
PIB nominal (R\$ Bilhões)	1.234	1.382	12,0	
Consumo do governo/PIB	18,9%	18,7%		
Consumo das famílias/PIB	61,0%	60,9%		
Emprego e Renda	set07	set08	Δ% set07 a set08	Δ% jun08 a set08
Emprego - indivíduos ocupados (mil pessoas)	21.250	21.979	3,4	1,2
Emprego com carteira assinada (mil pessoas)	10.129	10.642	5,1	0,8
Emprego no setor público (mil pessoas)	1.513	1.664	10,0	2,5
Renda (R\$)	730,0	815,4		
Setor privado	999,8	1.119,2	11,9	4,4
Com Carteira Assinada	730,0	815,4	11,7	1,5
Setor público	1.734,1	2.000,3	15,4	6,3
Inflação	ano até set07	ano até set08	últimos 12 meses	
IPCA (Δ%) – acumulado	2,54	4,19	6,25	
IGP-M (Δ%) – acumulado	4,06	10,38	12,31	
Juros e câmbio	out07	out08	Δ% últimos 12 meses	Δ% ano até jul08
Juros (Selic) - último dia do mês	11,25	13,75	22,2	22,2
Câmbio (R\$/US\$) - último dia do mês	1,88	2,12	21,3	19,3

Fonte: IBGE, Tesouro Nacional e Banco Central do Brasil.

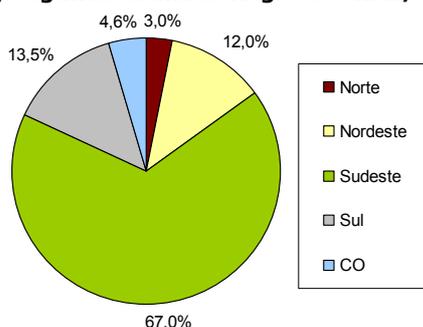
*Consolidado no ano.

Gráfico 9. Número de beneficiários de planos de assistência médica, jun07, mar08 e jun08



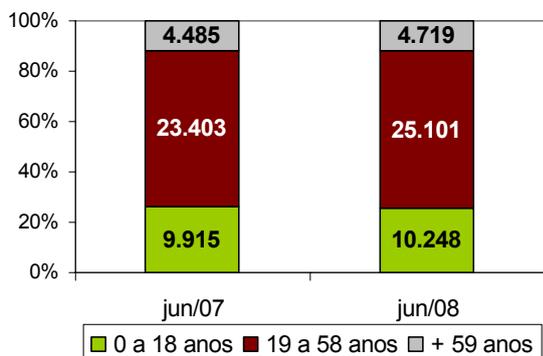
Fonte: ANS tabnet

Gráfico 10. Distribuição dos beneficiários de planos de assistência médica por época de contratação, segundo Grandes Regiões - mar/08



Fonte: ANS tabnet

Gráfico 11. Distribuição dos beneficiários de planos de assistência médica por faixa etária - jun07 e jun08



Fonte: ANS tabnet

2. Saúde Suplementar em Números

O aumento no número de beneficiários registrados entre março de 2008 e junho de 2008 foi de 1,5%. Entre junho de 2007 e junho de 2008 o aumento foi de 6,0%.

A elevação do número de beneficiários ocorreu basicamente nos planos coletivos e na faixa etária dos 19 aos 59 anos. Os planos individuais mostram sinais de estagnação com crescimento próximo a 0 tanto no trimestre quanto nos últimos 12 meses.

2.1. Distribuição de Beneficiários

Tanto os planos novos quanto os antigos concentram a maior parte dos beneficiários nas contratações coletivas. Nos planos antigos o percentual de coletivos é menor, se comparado aos novos. Isso se deve ao maior crescimento desse tipo de plano. Além disso, vale notar que entre os planos novos as contratações individuais vêm cedendo espaço às coletivas.

Os planos de saúde estão ampliando suas fronteiras geográficas e nesses últimos meses as regiões Norte (9,6%), Nordeste (7,7%) e Sul (7,2%) cresceram acima da média do setor que foi 6%.

Na segmentação, o plano referência também está crescendo bem acima da média, o que pode indicar uma diminuição no padrão dos planos já que no plano referência a internação é em enfermaria enquanto que nos planos hospitalar e ambulatorial a cobertura é em quartos individuais. O plano referência representava 14,% em junho de 2007 e 15,5% em junho de 2008. O segmento hospitalar ambulatorial dominava as vendas até o semestre anterior, mas ainda representa a maior fatia da segmentação com 71%.

Entre as modalidades de operadoras, houve forte crescimento entre as Cooperativas Médicas, Seguradoras e Filantropias nos últimos 12 meses. Destaque para as seguradoras que cresceram 4% no trimestre. As Autogestões mantiveram praticamente inalterado o número de beneficiários, destaque negativo para as Medicinas de Grupo que estão crescendo bem abaixo da média e perderam 1 p.p. da participação do mercado, mas ainda lideram em quantidade de beneficiários.

2.2. Resumo – Saúde Suplementar

Tabela Síntese – Saúde Suplementar – jun/08

	jun/07	mar/08	jun/08	Δ% 12 meses	Δ% Tri-mestre
Total	37.827	39.486	40.091	6,0	1,5
Individual	8.353	8.399	8.391	0,5	(0,1)
Coletivo	26.884	28.525	29.167	8,5	2,2
Não Informado	2.590	2.562	2.533	(2,2)	(1,2)
Antigos	11.759	11.390	11.278	(4,1)	(1,0)
Novos	26.068	28.096	28.813	10,5	2,5
Individual	8.353	8.399	8.391	0,5	(0,1)
Coletivo	26.884	28.525	29.167	8,5	2,2
Não Informado	2.590	2.562	2.533	(2,2)	(1,2)
0 a 18 anos	9.915	10.222	10.248	3,4	0,3
19 a 58 anos	23.403	24.588	25.101	7,3	2,1
+ 59 anos	4.485	4.653	4.719	5,2	1,4
Feminino	20.258	21.043	21.299	5,1	1,2
Masculino	17.569	18.444	18.792	7,0	1,9
Referência	5.526	5.990	6.128	10,9	2,3
Hosp + Amb	26.864	28.018	28.457	5,9	1,6
Hospitalar	723	745	747	3,3	0,3
Ambulatorial	2.116	2.183	2.239	5,8	2,6
Não Identificados	2.599	2.551	2.519	(3,0)	(1,2)
Autogestão	5.359	5.365	5.371	0,2	0,1
Cooperativa	12.312	13.229	13.498	9,6	2,0
Filantropia	1.272	1.369	1.401	10,1	2,3
Medicina de Grupo	14.733	15.062	15.180	3,0	0,8
Seguradora	4.152	4.462	4.642	11,8	4,0
Norte	1.085	1.173	1.190	9,6	1,4
Nordeste	4.476	4.736	4.820	7,7	1,8
Sudeste	25.471	26.450	26.859	5,5	1,5
Sul	5.033	5.314	5.397	7,2	1,6
CO	1.762	1.813	1.824	3,5	0,6

3. Equipe Técnica

José Cechin – Superintendente Executivo

Carina Burri Martins – Consultora

Francine Leite – Consultora